

A Segunda Guerra Mundial e a Tirania

A crítica de Raymond Aron às tiranias e sua atualidade*

Eduardo Mei

A obra de Raymond Aron é referência obrigatória para quem quer que se dedique ao estudo da teoria ou história das relações internacionais, em seus dois aspectos, a guerra e a paz. Seus estudos sobre o assunto remontam às vésperas da Segunda Guerra Mundial e culminam nas décadas de 60 e 70, respectivamente em *Paz e guerra entre as nações* e *Pensar a guerra*, Clausewitz. Todavia, para sopesar essas obras e julgá-las criticamente, é preciso remontar à sua tese de doutorado *Introduction à la philosophie de l'histoire*, pois é aí que Aron formula sua concepção da história e da política. Nela, Aron desenvolve uma crítica devastadora ao positivismo, doutrina que então reinava entre historiadores e sociólogos nas universidades francesas, e procura escapar das armadilhas do relativismo histórico que poderia degringolar em uma concepção niilista da história. É diante da dificuldade que se colocava para a superação do relativismo que Aron vai definir seu posicionamento político: liberal-democrático, antinazifascista, antibolchevique. Ora, tal posicionamento foi, em grande medida, determinado por acontecimentos históricos que se esgotaram no final do século XX: revolução russa, nazifascismo e Guerra Fria. Deve-se agora refletir em que medida as mudanças que se produziram no mundo desde a morte de Aron nos permitem reavaliá-la e se possível apresentar uma solução para a armadilha do relativismo. Nesse contexto, a obra que ora vamos analisar se inscreve num momento crucial: justamente o período em que a Alemanha de Hitler ocupou a França e o regime de Vichy se impôs. Naquele momento, era imperioso posicionar-se contra a doutrina totalitária. Talvez encontremos aí pistas que nos ajudem a formular os termos em que a superação do relativismo é possível.

* Texto apresentado no XVII Encontro Regional da ANPUH-SP, realizado em Campinas – SP, em julho de 2004.

Raymond Aron nasceu em Paris, em 1905, e faleceu na mesma cidade em 1983, percorrendo praticamente todo “o breve século XX”.¹ Ainda jovem testemunhou à distância os horrores da Primeira Guerra Mundial. A guerra de trincheiras ceifou 1.300.000 franceses, em sua maioria jovens, e a França gestou nos anos seguintes uma mentalidade pacifista – ou antibelicista – que congregarava líderes políticos e o povo em geral e predominou ao menos até o armistício assinado em Rethondes a 22 de junho de 1940 e a instauração do governo instalado em Vichy no 1º de julho seguinte pelo marechal Pétain. Aron não fugiu a regra, mas nutriu esse pacifismo apenas até sua primeira visita de estudos à Alemanha (1930-33), quando Hitler ascendeu ao poder. A partir então, o pacifismo será substituído primeiro pela apreensão, depois pelo desespero. A cada dia, com a ascensão do nacional-socialismo, o fortalecimento econômico e militar da Alemanha, a guerra parecia mais iminente. Tratava-se para Aron de frear a Alemanha enquanto isso era ainda possível, pois seu poderio militar era crescente. Todavia, a França estava imobilizada pelo pacifismo reinante e perdeu a última oportunidade de conter as intenções belicosas de Hitler, segundo Aron, em 1936, quando a Alemanha ocupou a Renânia.²

É nesse ambiente que Aron redige sua tese de doutorado: *Introduction à la philosophie de l'histoire*. Essai sur les limites de l'objectivité historique. Na Alemanha, ele entra em contato com um ambiente intelectual totalmente diferente do francês. Há um intenso debate acerca da aplicação da metodologia kantiana às ciências do espírito, a Sociologia e a História aí incluídas, e um interesse acadêmico mais nítido pelo debate político. É a obra de Max Weber que mais vai influenciá-lo e aproximá-lo de uma reflexão política mais “realista”. Aron formula na Alemanha o tema da sua tese de doutorado e elabora a filosofia da história que o acompanhara até seus últimos dias. Inicialmente, redige uma crítica

¹ Os dados bibliográficos que seguem foram extraídos das Memórias de Aron; a cronologia da Segunda Guerra, das Crônicas de Guerra. Cf. R. ARON, *Mémoires*. Paris: Julliard, 1983, pp. 131-193. *Idem*, *Chroniques de Guerre*: La France Libre, 1940-1945. Paris, Gallimard, 1970, pp. 13-24 e 693-714.

² R. ARON, *O Espectador Engajado*. Tradução de Clóvis Marques. SP: Nova Fronteira, 1982, pp. 38-85 *passim*; *Mémoires*, pp. 131-175.

das tentativas de Dilthey, Rickert, Simmel e Weber de elaborar uma crítica da razão histórica de inspiração neokantiana.³ Em seguida, formula sua própria crítica da razão histórica. Nela, Aron procura assentar os limites da objetividade histórica num tenso equilíbrio entre antipositivismo e anti-relativismo.⁴ Porém, como o próprio Aron observa em suas *Memórias*, a obra não atingiu o equilíbrio esperado:

A construção do universo histórico, tal como eu o descrevia, não implicava tanto relativismo quanto freqüentemente se me atribuiu (por falta minha, doutra parte). A expressão dissolução do objeto hoje me parece gratuitamente agressiva, paradoxal.⁵ (...) Depois da conclusão das minhas teses, na primavera de 1937 (...), eu pensava em uma introdução às ciências sociais que corrigiria o relativismo excessivo imputado à Introduction.⁶

Aron tenta, ainda na *Introduction*, dirimir esse relativismo por meio da distinção entre “pensamento engajado e reflexão”. Nas palavras de S. Measure,

enquanto o pensamento humano é em geral histórico, engajado na história, submetido portanto à relatividade, o homem dispõe, na capacidade de refletir essa historicidade e essa relatividade, do meio de superá-las.⁷

Ora, é na tensa situação política do pré-guerra que Aron vai definir os termos do seu engajamento. Ele toma, então, um claro posicionamento contra as tiranias nazifascistas. Os regimes totalitários não serão poupados por ele em toda sua carreira de intelectual e jornalista.

Deflagrada a guerra, no início de setembro de 1939, Aron será incorporado a um posto meteorológico próximo da fronteira com a Bélgica. Em maio de 1940, é ordenada a retirada do exército francês. Depois de assinado o armistício franco-alemão, Aron decide exilar-se na Inglaterra.

³ R. ARON, *Essai sur une théorie de l'histoire dans l'Allemagne contemporaine: La philosophie critique de l'histoire*. Paris: Vrin, 1938, 351 pp.

⁴ Cf. Sylvie MESURE, “De l’antipositivisme à l’antirelativisme. Raymond Aron et le problème de la relativité historique”. Paris: Julliard, *Commentaire*, Automne 1986, volume 9/numéro 35. pp. 471-478.

⁵ *Mémoires*, Julliard, 1983, p. 122.

⁶ *Ibid*, p.152.

⁷ S. MESURE, op. cit. p. 475.

Lá os franceses no exílio organizaram a movimento dos franceses livres, sob o comando do general Charles de Gaulle. Sob as instâncias desse, foi criada a revista *La France Libre* que, contudo, jamais foi gaullista. Aron tornou-se colaborador mensal da revista até maio de 1944. Nela publicava mensalmente um artigo sobre os acontecimentos e a situação na França, sob o título *Crônicas de França* (tais artigos foram republicados sob o título *De l'armistice à l'insurrection nationale*⁸) e um artigo de análise política ou ideológica, os quais foram reunidos posteriormente em dois livros: *L'homme contre les tyrans* e *L'âge des empires e l'avenir de la France*.⁹ Esses três livros foram reunidos em um volume único intitulado *Crônicas de Guerra*.¹⁰ Desses três livros, o único que nos interessa no presente texto é *O homem contra os tiranos*. Nele, Aron analisa os motivos que levaram à ascensão de Hitler e do nacional-socialismo, as fraquezas das democracias e as condições para derrotar a Alemanha e instaurar a paz na Europa. Nas páginas que seguem, resumo, tão fielmente quanto possível no reduzido número de páginas de que disponho, a análise que ele faz desses motivos e suas críticas ao nazifascismo e suas práticas.

Ainda que não possamos imputar a Nietzsche as origens da doutrina nazista, sem dúvida, sua obra condensou e inspirou o niilismo que gestou o surgimento daquela. Há ainda um particular interesse nessa relação, pois Weber foi muito influenciado por Nietzsche. De fato, o niilismo foi o filho bastardo do criticismo. Segundo Aron,

*o niilismo hitlerista não somente emprestou de Nietzsche seu método crítico e alguns de seus resultados mais ou menos vulgarizados, ele nasceu numa atmosfera semelhante àquela que Nietzsche descreve.*¹¹

⁸ R. ARON, *De l'armistice à l'insurrection nationale*.⁸ Paris: Gallimard, 1945. 373 pp.

⁹ R. ARON, *L'homme contre les tyrans*. New York: édition de la Maison Française, 1944, 400 pp. Reeditado em 1945 por Gallimard. *Idem*, *L'âge des empires e l'avenir de la France*. Paris: Tribune de la France, 1945, 373 pp.

¹⁰ *Idem*, *Chroniques de Guerre: La France Libre, 1940-1945*, 1016 pp, op. cit.

¹¹ R, ARON, "Tyranannie e mépris des hommes" (février/1942) In: *L'homme contre les tyrans*, op. cit., p. 470. Nos artigos que seguem, todos de Aron, sempre que houver, colocarei a data de publicação dos mesmos na *France Libre* entre parênteses.

Nietzsche via nos valores da civilização ocidental apenas o selo da decadência. Do mesmo modo, a propaganda nazifascista, valendo-se da regressão sociológica e psicológica nietzschiana, denunciava nas democracias a lassidão dos povos envelhecidos, nos valores superiores a hipocrisia dos pensadores arrogantes, na religião os instintos. Para superar essa decadência, Nietzsche faz uma pregação do vitalismo, dizendo sim a tudo que fortalece, revigora, exaltando a vontade de potência. Daí à exaltação da guerra, é um passo:

*O juízo que confere à paz um valor superior à guerra é antibiológico, ele é mesmo um produto da decadência na vida. A vida é consequência da guerra, a própria sociedade um meio para a guerra.*¹²

Como também o é a apologia do maquiavelismo que, nas palavras de Nietzsche, “sem mistura, cru, em toda sua pureza, é sobre-humano, divino, transcendente”.¹³ Uma das perspectivas abertas por Nietzsche é a distinção nazifascista entre povos senhores e povos escravos. O niilismo nietzschiano evolui em Hitler para um pessimismo radical sobre a natureza humana. Para Hitler, nenhum método que permitisse modelar essa natureza deveria ser considerado demasiado vil. O maquiavelismo que Nietzsche exalta torna-se, segundo Aron, a “doutrina oficial das tiranias modernas”.

É justamente a obra de Maquiavel que Aron estudava quando da capitulação do exército francês. No maquiavelismo reside outra fonte do nazifascismo. Maquiavel é decodificado por Vilfredo Pareto, este mestre do fascismo.¹⁴ Ambos pretendem extrair da experiência histórica as regras da política, pregam o uso do ardil e da violência como seu procedimento rotineiro e, considerando o homem mal por natureza, tomam a política por uma ciência imoral. Dada a maldade da natureza humana, o príncipe – ou o Führer – deve apoiar-se sobre os vícios dos homens. Como Maquiavel, Pareto considera a decadência humana inevitável. Porém, apresenta outra solução para essa decadência. Exalta o chefe que decide e ordena, e despreza as massas que se sacrificam e obedecem. Pareto distingue assim dois tipos de ideologia: a dos fracos e ardilosos e a dos fortes e violentos. A

¹² FR. Nietzsche *apud* R. Aron, “Tyranannie e mépris des hommes”, *op. cit.*, p.473.

¹³ *Idem, ibidem.*

¹⁴ Cf. nota de Christian Bachellier ao texto de Aron, nota 1, p. 675.

primeira seria democrática, humanitária, progressista, socialista; a outra, conservadora, religiosa patriótica.¹⁵ Assim, nas palavras de Aron,

Pareto não apenas forneceu um sistema de conceitos aplicável às três grandes revoluções do século XX, [mas] forjou os termos e criou os temas da propaganda totalitária. É ele quem introduziu a noção de plutocracia (ou plutodemocracia) denunciou a solidariedade dos idealistas burgueses e dos capitães da indústria, tornou zombaria as esperanças progressistas desmascarando os homens e as coisas que se ocultam atrás das doutrinas generosas.¹⁶ (...) Ele sugere que o equilíbrio social, fundado sobre uma elite autoritária e massas submissas, é a condição da prosperidade coletiva. Leva a uma apologia da vontade de potência usando uma técnica tirada da experiência (...), utilizar racionalmente os impulsos irracionais das massas.¹⁷

Segue-se daí, uma série de técnicas maquiavélicas modernas utilizadas pelas tiranias nazifascistas, das quais destaco duas: técnica da propaganda e técnica de extermínio dos povos vencidos.

Ainda no ambiente ideológico que antecedeu a Segunda Guerra, Aron critica o romantismo da violência que evolui de Georges Sorel a Benito Mussolini. Segundo Aron, Sorel simplificou ainda mais a tábua de valores nietzschiana e dela tirou conseqüências políticas: “o desprezo pelo humanitarismo, pela moderação, pelas virtudes racionais acarreta a condenação das democracias e o apelo à brutalidade para regenerar as sociedades decadentes”.¹⁸ Sorel exalta o guerreiro e despreza o trabalhador pacífico. Embora elogie os industriais, os capitalistas pioneiros, ele vitupera o capitalista financeiro, cuja imoralidade ele condena. Como Pareto, Sorel condena as democracias e faz a apologia do belicismo, pois a “paz entre as classes e povos acarreta a mediocridade e a baixeza”. Contra essa decadência e lassidão, Sorel pregava a violência proletária, necessária para que “as nações européias embrutecidas pelo humanitarismo encontrem

¹⁵ R, ARON, “Le machiavelisme: doctrine des tyrannies modernes” (novembre/1940) In: *L’homme contre les tyrans*, op. cit., p. 419-20, *passim*.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 420.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 421. Destaques no original.

¹⁸ R, ARON, “Le romantisme de la violence” (avril/1941) In: *L’homme contre les tyrans*, op. cit., p. 428.

sua antiga energia”.¹⁹ Assim, a violência romantizada, sem ódio nem vingança, renovaria a sociedade. Para estimular os instintos guerreiros, cria o mito de uma comunidade de produtores desembaraçados do Estado.

Mussolini se dizia discípulo de Sorel, para ele o essencial era agir. Todavia, enquanto Sorel pregava a violência entre as classes sociais, Mussolini, como também Pareto, considerava utópica uma comunidade livre. A divisão da sociedade entre elite e povo, exploradores e explorados, governantes e governados torna-se uma fatalidade social. O proletariado deixa de ser exaltado, a nação toma o lugar da classe operária. “A verdadeira luta, a luta fecunda e eterna, é aquela entre as nações.”²⁰ A violência torna-se assim prática corriqueira das hordas nazifascistas. Ela não se reduzia às práticas governamentais. A violência social também era estimulada. Os partidos nazifascistas faziam dela uma prática comum. Os jovens membros do partido eram encorajados a praticar atos violentos contra qualquer um que pudesse representar uma ameaça ao Reich.²¹

Essas doutrinas nazifascistas encontraram na crise econômica dos anos 30 um ambiente fértil para vicejar. Fazendo jus à influência weberiana, Aron recusa a prevalência dos fatores econômicos no processo histórico. Assim, ele rechaça a idéia segundo a qual acordos econômicos internacionais poderiam ter evitado a guerra.²² Embora recuse a tese leninista de que a Primeira e Segunda Guerra tenham resultado da fase imperialista do capitalismo, a disputa pelos mercados coloniais levando a deflagração do conflito entre as nações européias, Aron não deixa de observar que o êxito econômico do III Reich contribuiu para o fortalecimento de Hitler. Assim, ele nota o êxito do Partido Nacional-Socialista em arrancar a economia alemã da crise econômica do início dos anos 30. Com efeito, enquanto as economias européias, e a francesa em particular, sofriam as conseqüências desastrosas do liberalismo econômico

¹⁹ Georges SOREL *apud* R, ARON, “Le romantisme de la violence”, *op. cit.*, p.429.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 432.

²¹ *Idem, ibidem*, p. 437.

²² R, ARON, “Les racines de l’imperialisme allemande” (juillet/1943) In: *L’homme contre les tyrans*, *op. cit.*, pp. 597-601.

e do *crash* de 29, a adoção de uma economia planejada na Alemanha recuperou o crescimento econômico e praticamente eliminou o desemprego. Aron não perde oportunidade de criticar o liberalismo econômico desenfreado que imperava na França de então e exaltar a intervenção estatal na economia para corrigir os seus excessos. Na Alemanha, o absolutismo burocrático exponenciou os efeitos da economia planejada.²³ Disciplina militar e absolutismo burocrático acentuaram o caráter autoritário do nazismo. Para Aron, colocava-se a questão: como implantar métodos de direção econômica que se mostraram eficazes no III Reich sem recair no totalitarismo? O regime de Bretton Woods, implantado em 1948, ao corrigir alguns dos excessos do anárquico liberalismo econômico que predominou até o término da guerra, foi para Aron uma resposta satisfatória. Com efeito, de 1948 até a década de 80, a história mundial caracterizou-se pelo que Hobsbawm chamou de “era de ouro”. Aron vê nesse modelo econômico, uma alternativa satisfatória ao planejamento econômico soviético. O que ele não podia saber é que com o colapso da URSS, o mundo voltaria ao liberalismo anárquico do pré-guerra. De qualquer modo, o que se deve frisar é que a economia alemã, planejada para tornar o III Reich uma potência militar, teve um desenvolvimento surpreendente no período anterior à guerra. Esse desenvolvimento continuou durante a guerra graças à incorporação das indústrias dos países ocupados, mas isso é outra história.²⁴

Cabe agora resumir muito sucintamente as práticas políticas das tiranias modernas. Aron trata do assunto em vários artigos e já mencionamos alguns dos traços da política tirânica. Convém, então, tratar das práticas arbitrárias que ele expõe no *Homem contra os tiranos*. Aron inicia um artigo de janeiro de 1943 citando uma fórmula famosa do presidente Roosevelt: “Libertar os homens do medo”. Notemos, *en passant*, que lema semelhante manifesta o empenho do atual governo dos EUA na luta contra o terror. Todavia, como mostrarei a seguir, para Aron, uma das

²³ R, ARON, “Bureaucratie et fanatisme” (juillet/1941) In: *L’homme contre les tyrans*, op. cit., pp. 455-56.

²⁴ R, ARON, “Du pessimisme historique” (mars/1943) In: *L’homme contre les tyrans*, op. cit., p. 627

características marcantes das tiranias é justamente as arbitrariedades por elas praticadas. Como, então, combater os regimes tirânicos adotando práticas que definem esses mesmos regimes? Segundo Aron, as tiranias impõem o reino da violência, legalizam-no, legitimam-no, desagregando progressivamente a própria idéia de lei. Assim, estabelece o reino do arbitrário submetendo os povos dos territórios ocupados à arbitrariedade da Gestapo ou da Polizei, camuflam o despotismo por meio de partidos nacional-socialistas (Noruega e Holanda) ou de terroristas (Croácia), enfim governos semi-consentidos, semi-prisioneiros.²⁵ Os nazistas também impõem uma legislação arbitrária nos países ocupados, mas antes deles na própria Alemanha. Aí Hitler é chefe de Estado e legislador, aí a autonomia da ordem jurídica foi abolida oficialmente. Quanto a isso, o caso mais chocante foi o dos assassinatos que Hitler legalizou retroativamente.²⁶ Finalmente, há a legitimação da violência. Esta se apóia na doutrina do chefe, pedra angular de todo o edifício totalitário. “É o Führer e apenas ele que confere ao imenso aparelho burocrático do partido, do Estado, do exército, uma sorte de legitimidade.”²⁷ Ainda a esse respeito diz Aron:

*Em nossa época e em nossas sociedades, um poder carismático tal como o do Führer pode apenas perpetuar e consagrar o arbitrário. A pretensa legitimidade, na medida em que ela não se reduz à mistificação dos crédulos pelos cínicos, exige uma confirmação indefinidamente renovada pelo sucesso; o chefe é indefinidamente impelido para novas empresas por sua onipotência e a fragilidade moral do império.*²⁸

* * *

A maior diferença que nos separa das tiranias descritas por Aron, lamentavelmente, não se explicam pela evolução moral da humanidade. Desde 1945, a Europa ocidental, os países mais ricos e civilizados de então, não testemunha os horrores de uma guerra hiperbólica. Com a partilha do mundo que se seguiu àquela guerra, tais horrores foram afastados para a

²⁵ R, ARON, “De la violence à la loi” (janvier/1943) In: *L’homme contre les tyrans*, op. cit., p. 666.

²⁶ *Idem, ibidem*, p.667.

²⁷ *Idem, ibidem*, p.668.

²⁸ *Idem, ibidem*, p.669.

periferia do mundo, particularmente para as nações nem cristãs nem ocidentais. A grande diferença que separa as guerras atuais da Segunda Guerra Mundial é a colossal assimetria entre os beligerantes. Essa assimetria é política, militar, econômica, ideológica (ou midiática). Tal assimetria além de poupar recursos extremos como os utilizados pelo III Reich, torna as atrocidades mais palatáveis ao gosto ocidental. Com efeito, quem ousaria acusar a maior potência militar do planeta de praticar crimes arbitrários e hediondos?²⁹

²⁹ E no entanto, a quem ache que a assimetria pesa desfavoravelmente aos EUA. É o caso do jornalista Olavo de Carvalho no artigo “Arma de guerra”, (Folha de S. Paulo em 20 de maio de 2004, p.3). É dele a brilhante frase: “meia dúzia de abusos sangrentos cometidos pelos soldados americanos no Iraque – inevitáveis em toda guerra, por mais que as autoridades policiem suas tropas – já aparecem na mídia como crueldades mais odiosas do que a prática habitual da tortura e dos assassinatos políticos em tempo de paz, comuns em tantos países islâmicos, sem contar as perseguições religiosas (jamais noticiadas no Brasil), que ali já mataram mais de 2 milhões de cristãos nas últimas décadas.”.O artigo como um todo é uma pérola de desatino.